ANO XII / NOVEMBRO DE 1954 / N.º 119



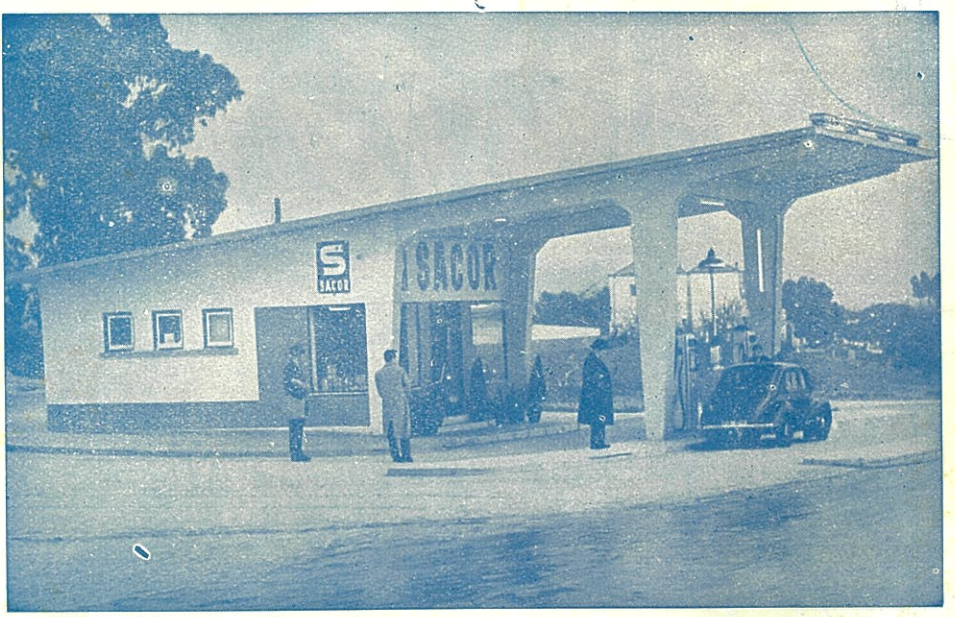
Novellae

OLIVARUM

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o
Clero, Seminaristas e Ordens religiosas
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços



FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores**

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

E. PINTO BASTO & C.a, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
SEGUROS **CARVÃO**
(REPRESENTAÇÕES
INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.a, L.da

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

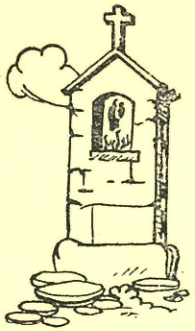
Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 269

SUMÁRIO

Psicologia dos Simples — P. L. Dias 258
Dom Prosper Guéranger — Fernando Melro 264
Caminhos de Albert Camus — A. Tavares 272
Os símbolos dos quatro Evangelistas — A. V. Marques 278
Ad altum — Fernando Melro 283
Apresentamos 284
Semanas de Estudos Paroquiais — S. Rendeiro 286



PSICOLOGIA DOS SIMPLES



Em toda a sociedade organizada existem aqueles que, pelas suas aptidões superiores ou pela cultura, são chamados a tomar as responsabilidades, governam, administram, asseguram a justiça e a ordem, mantêm a moral e a religião, ensinam, constroem, presidem, criam a opinião pública e representam o sentir do grupo; abaixo desses os governados, os dirigidos e ensinados, fracos e humildes, desprovidos de influência e poder, e deserdados da sorte, sem eficácia política e social. Destes nos ocupamos. Em muitos pontos as suas reacções podem comparar-se com as das crianças; semelhante à da criança é a sua espontaneidade, e semelhante é o seu impressionamento e paixões. Sentem mais do que compreendem, e agem mais por intuição que por raciocínio. Vêem todas as coisas com referência a si mesmos, e instintivamente tomam os seus desejos por realidades; fazem o bem por amor àquele que lho pede, têm interesse só por aquilo que lhes dá gosto — bem mutável, aliás — e as suas provas de amizade não são muitas vezes senão um apelo à amizade daquele de quem dependem. Como a criança, o camponês é um ser humano inacabado, mas rico de capacidade; como a infância, o povo simples é um reservatório de uma grande riqueza potencial. O «*simples*» é por definição aquele a quem falta cultura. Todo ele é natureza e instinto. E assim a

INFERIORIDADE DE PENSAMENTO

é uma característica primeira do «*simples*». Vivem com o que aprenderam na escola, quanto a instrução, ao passo que têm toda a experiência dolorosa da vida. Sente essa inferioridade, mas não a sabe medir; verifica mas não julga. A sua visão intelectual é subjectiva e fragmentária, e por isso mesmo egocentrista. As coisas e as pessoas são classificadas

de corrida em duas categorias, segundo delas se pode esperar o bem ou o mal; classificação meramente afectiva. Para eles é bondoso o Pároco propenso a abrandar a severidade das leis e a deixar larga margem na prática do Evangelho, como o professor que não castiga muito os alunos e reduz ao mínimo a exigência. O critério de apreciação de todos os que lhes são superiores é sempre a sua benevolência e disponibilidade em lhes prestar um serviço. É por isso que na educação do povo fazem incomparàvelmente mais os grandes corações que as grandes inteligências.

Os simples apreciam pelo sentimento. Um bom médico, é sempre o que tiver mais bondade e dedicação, independentemente das suas aptidões profissionais. Mercê deste subjectivismo, nunca a polémica se orienta para a busca da verdade ou do bem, os argumentos visam apenas o afirmar-se a si mesmos; as ideias fazem corpo com a pessoa, toda comprometida nas suas opiniões. O pensamento, o raciocínio, é a expressão da pessoa, e não a descoberta da verdade. É por isso que uma discussão em tal caso não tem outro resultado senão criar partidos e exacerbar as oposições, tendo cada um por finalidade bater o adversário. Consequência do subjectivismo é ainda a confusão entre opinião e pessoa, entre função e pessoa, entre pensamento e temperamento da pessoa; não concebem como verdadeiras as ideias de alguém que lhes seja desagradável, como não podem conceber como falsa a opinião de quem lhes agrada.

Mas este subjectivismo é ainda um subjectivismo fragmentário; é concreto, é prático, é parcial... E daqui, que de mal-entendidos!... Sejam exemplo as mais contraditórias apreciações a um sermão que ouvem: em tudo o que o pregador disse se vêem alusões pessoais ou críticas a tal ou tal vizinho; tudo o que foi dito vinha distintamente endereçado. Fruto deste carácter fragmentário é a abusiva generalização de um caso particular a toda uma categoria de pessoas integralmente e a injusta aplicação a cada pessoa determinada. Concreto, este subjectivismo é também prático: ouve e aplica elogios como censuras e com carácter pessoal. Uma apreciação favorável ou desfavorável a uma colectividade é tomada como pessoal, e agrada conforme a pessoa que a faz; donde resulta que é preciso agradar suficientemente aos ouvintes para os fazer aceitar as verdades que lhes desagradam.

Concretos e práticos, os *simples* são subjectivistas parciais. Vivem o parcial abstraído da visão do conjunto. Pondo de lado já as influências

afectivas, temos que rejeitam um objecto por tal ou tal pormenor que lhes desagrada, ou aceitam o conjunto porque um aspecto determinado os seduziu. Assim, no teatro ou no cinema, no meio das cenas mais comoventes, largam a mais franca e estridente gargalhada só pelo pitoresco do mais insignificante pormenor.

IMAGINAÇÃO DEFICIENTE

O povo não tem espírito inventivo. Procura novas orientações, mas sempre ao lado das antigas. Quando se trata de resolver um problema novo, o primeiro movimento não é estabelecer o estado da questão com a consideração dos termos, mas antes de mais nada recordar como foram resolvidos problemas semelhantes, fazer apelo ao passado fixado em tradições. Sempre apegado ao passado, deixa-se levar pela inércia: é conservador por natureza, e procura por instinto a segurança; procura estar sempre do lado do mais forte, e entre duas forças que se enfrentam mantém-se neutro. É esta inércia nas suas atitudes habituais que explica no entanto a tão explosiva violência nas mudanças de conduta e de resoluções. A falta de imaginção implica falta de iniciativa: não agem, não colaboram, não empreendem, deixam-se arrastar; não se decidem, obedecem às circunstâncias; não prevêem: ou resistem ou sucumbem; oscilam indefinidamente entre as alternativas, pesando os prós e os contras para no fim tudo acabar... em nada. O mesmo se verifica nas discussões intermináveis e estéreis, que dão origem a conflitos pessoais que se eternizam, muitíssimo superiores em importância aos motivos fúteis que lhes deram origem; toda a gente conhece estas rivalidades entre aldeias, de origem mesquinha, mas capazes de envenenar durante gerações sucessivas a vida à comunidade inteira.

EXPRESSÃO DEFICIENTE

A insuficiência de pensamento nos *simples,* o seu carácter subjectivo e fraca imaginação vêm a repercutir-se, nos seus meios de expressão. A linguagem do povo é sumária. Poucas palavras, frases curtas. A uma pergunta de pessoa estranha o camponês espera um pouco, pede que repita, ataranta-se, solta primeiro uma exclamação e acaba por dizer qualquer coisa imperfeita e por vezes falsa; e só depois de se afastar

é que fica durante bastante tempo a pensar como devia ter dito. Diante de uma pessoa estranha mostra-se reservado e prefere não falar. Não é fácil conseguir da gente do povo uma descrição ordenada, precisa e completa. A sua linguagem é muitas vezes convencional, através de símbolos, sentenças, exemplos. O seu carácter exibicionista leva-o a falar muito de si para si; sòzinho pensa, objecta e responde. Dir-se-ia que pensa tudo em voz alta; na verdade mais se escuta do que pensa. É sempre o seu *eu* o centro de todo o discurso, a sua pessoa, família, trabalho, hábitos e desejos.

COMPLEXO DE INFERIORIDADE

É bem fácil verificá-lo na gente do povo. Breves momentos de conversa levam-nos a concluir isso mesmo... Há sempre este reconhecimento de uma inferioridade relativa, um confronto com os grandes, com os ricos, instruídos e poderosos; inferioridade portanto no plano psicológico e social. Consequências? O *medo,* em primeiro lugar. Esse terrível medo todo poderoso que o domina por completo e o mantém curvado; mantém-no estático na confiança das experiências passadas, e assim impede-lhe a aceitação da novidade, é certo, mas impede-lhe igualmente o progresso. O seu nível de acção é o seu nível de aspiração. Não correspondem a um apelo, a algo de mais elevado e perfeito.

Além do medo, temos que *os simples* a si próprios se amesquinham e deixam fascinar perante aqueles de que têm necessidade e que lhes fazem algum benefício. Ficam subjugados, mas na ocasião logo esquecem; é mera infantilidade. Em certas terras cristãs os miúdos param as brincadeiras à passagem do Sr. Prior; e até os adultos se escondem para evitar serem vistos; as raparigas coram ao encontrar-se na rua com ele, e até as mais comunicativas perdem os olhos a responder-lhe. Na camioneta ou no comboio o lugar ao lado do Padre é sempre o último a ser ocupado.

Esta fascinação por quem lhe faz bem traz ao indivíduo duas consequências más: a consciência nítida da sua total dependência, e um receio sempre crescente de vir a ser abandonado. É uma dependência que vai até à alienação de si mesmo, já no domínio do pensamento, já no domínio da acção. O *simples* pensa por procuração, opera por submissão, vê por intermédio dos outros e age por amizade ou simpatia. Ele

próprio não conta e não vale. Julga-se pelo juízo que dele fazem os outros. A si mesmo considera-se indigno da estima e atenção dos grandes; uma vez porém alvo dela, procura fazer tudo por se pôr ao nível que lhe é atribuído. Esse juízo elevado emitido a seu respeito representa para ele o ideal a alcançar e constitui um poderoso estímulo. Praticam a Religião em atenção ao Prior, tanto ou mais que em atenção a Deus; e julgam-se em boas relações com Deus quando estão em boas relações e satisfazem o Pároco; quer este queira quer não, é através da sua pessoa que eleva as almas; age mais por presença que por palavras.

O sentimento nítido da sua inferioridade omnímoda leva-os a procurar refúgio fora do mundo real, no sonho, na nostalgia, no isolamento; queixam-se de tudo e de todos, e mantêm-se na defensiva. Têm acentuada tendência para perscrutar o futuro; daí o lançar mão de todos os meios supersticiosos, aindo os mais rudimentares.

SENTIMENTOS SUPERIORES

Está pouco desenvolvido na gente simples o sentimento do *belo;* tem muitas vezes por extravagância e até excentricidade o que para muitos espíritos cultos é arte. No que se refere à apreensão da verdade e adesão a ela, o simples é crédulo.

O seu sentimento moral anda ligado ao mestre: se é amigo do superior, obedece-lhe; senão, opõe-se, afirma a sua independência, e nega-lhe toda a autoridade. Precisa de fazer um grande esforço de abstracção para julgar a função indepedentemente do funcionário, a causa a defender independentemente do defensor da causa.

A alma simples tem a convicção profunda da sua total dependência de Deus: é o sentimento religioso. Com facilidade idealiza Deus como um Ser supremo ora favorável ora hostil, sempre preparado para julgar e castigar. Mais o impressiona o Deus Providência que tudo regula, o mundo, os tempos, as searas; e assim é-lhe fácil entrar em comunicação com o Omnipotente mediante a oração, o sacrifício e as práticas cristãs.

É um facto todavia que o meio rural está a descristianizar-se; e que pessoas na aldeia cristãs, uma vez em contacto com a vida citadina, logo abandonam as práticas religiosas. Há quem afirme que isto não é possível, que não perdem a religião, mas antes, nunca chegaram a possuí-la: sustidos por uma ambiência cristã, nunca teriam penetrado verda-

deiramente o cristianismo, e uma vez privados dessa ambiência, passariam a manifestar externamente o nível infra-cristão que foi sempre o seu mesmo em ambiente cristão. Sedutora, não parece no entanto verdadeira a explicação. Podemos admitir que nunca tivessem sido cristãs as nossas aldeias que chegaram até um grau de civilização quanto possível elevado, e com centenas de anos de cristianismo? A não ser que queiramos chamar cristão verdadeiro só ao cristão de personalidade humana plenamente desenvolvida...

Não! O nosso bom povo — ninguém o pode negar — é cristão autêntico; e muitas vezes mais cristão que os instruídos. A razão última parece estar na qualidade das pessoas e não nas instituições. É que, quando estas não urgem e a pressão da sociedade não se exerce, os *simples* recusam toda a espécie de esforço. Quebrados os quadros religiosos que os mantinham em menoridade, ficam abandonados às influências ocasionais. O ar novo que respiram estonteia-os. Transplantados fixam-se no primeiro estádio da evolução sem conseguir chegar ao pleno desenvolvimento por uma reacção e domínio do novo ambiente. Não é a civilização urbana que descristianiza, mas sim a invasão desta civilização em quem não estava preparado.

P. L. DIAS

UM MONGE NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

— Dom Prosper Guéranger [1]



1805 ia decorrendo na história de França tal como nos quatro primeiros anos daquele princípio de século. Bonaparte, após o 18 de Brumário (9 de Novembro de 1799), de Cônsul por um diénio passava a explorar as dissidências da oposição revolucionária para construir, pedra por pedra, o império que lhe augurava a desmedida fantasia. Já em 1804, contra todos os princípios e prognósticos dos homens de 1789, se proclamara e fizera ungir Imperador hereditário, restaurador da dinastia carolíngia. Em 1805, ganha a batalha de Austerlitz, lançava-se à conquista aventureira da Europa.

Intestinamente, porém, a França continuava a debater-se com a anarquia económica, social e ideológica, numa auto-insuficiência de nação desmandada. Ao triunfo das armas, Napoleão não soube reunir as forças da organização política e da submissão aos direitos de Deus. Por isso,

---

(1) *Textos de informação:* Dom Guéranger — Colecção «Choisir les meilleurs textes» — Introdução de Luis Dimier.
«Dom Guéranger» — artigo de A Chantrel publicado em Revue du Monde Catholique, 25-Fev.-1875.

vencido ele em Waterloo, a França, de novo, se embrenhava no caos gerado pelo orgulho dos Médicis e dado ao país pela inconsciência e loucura dos governos de após 1789.

*
* *

No dito ano de 1805, em Sablé, cidade margeada pelo Maine onde a diocese de Mans quase toca na de Anvers, nascia Prosper-Luís-Pascal. O pai, M. Guéranger, possuía um colégio na pequena cidade da Chouannerie. Apesar das guerras civis e das novidades anti-religiosas, o ambiente de família foi calmo e sãmente cristão. Assim, Prosper Guéranger adquiriu, logo de pequeno, sólida piedade e senso religioso fora do comum. Os passeios dados ao velho mosteiro do vizinho lugar de Solesmes eram o que mais o entusiasmava. Ainda não eram esquecidos os últimos beneditinos de S. Mauro, expulsos do histórico priorado em 1793.

Quando, aos doze anos, entrou para o liceu de Angers, logo se afamou no zelo do estudo e na independência de espírito ante as disciplinas que mais lhe desagradavam. Pelo costume de isolar-se dos companheiros, a aprofundar a cultura e a dar-se à devoção, os demais alcunharam-no de «monge». Sentindo vocação para o sacerdócio, matriculou-se nos estudos de filosofia do Seminário de Mans.

Ora, pouco antes, fora publicada uma obra que iniciou a mais intrincada das lutas para a Igreja na França irrequieta de Oitocentos. «Essais sur l'indifférence» de Lamennais surgiu como relâmpago a deslumbrar as inteligências cristãs. Desde o séculoXVII, o galicanismo e jansenismo tentavam demolir o Primado romano arreigando às instituições governamentais, à ciência, à própria vida hierárquica e ascética da Igreja, o verme do cisma. O racionalismo enciclopedista ia sobornando tais heresias para mais radicalmente destruir o Cristianismo. Lamennais vinha a campo atacar esse espírito galicano-racionalista, clamando obediência à Santa Sé e banindo o valor da razão para afirmar, como único critério de verdade, a opinião universal, a tradição — teoria que o nome, então modernissimo, de senso-comum vulgarizava. Se racionalistas e cristãos galicanos negavam à Autoridade a razão, Lamennais achava que os venceria negando à Razão a autoridade. Passado mais de um século, é-nos claro o erro lamennaisiano. Porém, na altura, tudo pareceu magistral e ortodoxo. Guéranger foi conquistado por esse tradicionalismo recém-

-nado, existente em plena voga no Seminário de Mans. Mais que tudo ou ùnicamente, seduziu-o a proclamada fidelidade e obediência a Roma. Esta, aliás, foi a sua posição de sempre.

O entusiasmo levou-o à investigação das obras patrísticas e documentais dos primeiros séculos da Igreja. Formava, assim, a personalidade de historiador que o faria respeitado de todos os que o aplaudiriam ou contradiriam na actividade gigantesca de defensor da Igreja de Roma. Foi o encontro ocasional dum antigo breviário romano que lhe fez nascer o amor à Liturgia de cuja restauração faria motivo básico de toda a sua vida polémica e monacal.

Recebidas as Ordens Sacras, com dispensa de idade, em 1827, logo foi para Paris como secretário de Mgr. de Lamyre-Mory. A permanência na capital francesa valeu-lhe um contacto de sociedade que amoldou a simpatia e distinção que a sua figura sempre irradiaria. Entre as suas primeiras relações contam-se as estabelecidas com Gerbet e Salinis, discípulos de Lamennais e fundadores do «Mémorial Catholique» (órgão oficial da escola lamennaisiana). Após o famoso mestre de La Chesnaie haver publicado o livro «Religion dans l'ordre politique et civil», Guéranger escreveu-lhe a propor o plano dum tratado em que a tradição da Igreja constituiria a base do ensino eclesiástico ordenado à unidade que Roma prègava. Lamennais prosseguiu na troca de correspondência com o jovem sacerdote. Antevê-se nessas cartas o contraste das duas inteligências: — uma, esquentada pela ostentação de espírito e vacuidade de fundamento científico; outra, já manifestando prudência actuante, clarividência admirável e indómito amor à Igreja.

No «Mémorial» surge a 21 de Janeiro de 1830 o primeiro escrito de Guéranger, logo seguido por quatro ousados artigos sobre uma desejável refoma litúrgica. Entretanto, deflagra-se a Revolução de Fevereiro. A Igreja sofre a repetição das cenas das primeiras revoluções. O clero quase é forçado a novo êxodo. Enquanto o rei-cidadão, Luís Filipe, subia ao trono, o Catolicismo descia da posição privilegiada que Luís XVIII lhe outorgara.

A reacção católica manifestou-se ruidosa e extraordinária. O periódico «L'Avenir» substitui o «Mémorial Catholique» e Lamennais com Montalembert, Gerbet e Lacordaire entram na defensão político-religiosa de Deus e da liberdade. É o começo do cristianismo liberal que Guéranger scmpre desmascarará.

O futuro abade de Solesmes afasta-se, pouco a pouco, do partido de La Chesnaie. As circunstâncias deram-lhe a ocasião de mostrar que nele era inexistente a subserviência ao mestre.

Duas dioceses estavam vacantes. A Concordata de 1817, que concedia ao rei de França (então, Luís XVIII; agora, Luís Filipe) o poder de nomeação, justificaria ao rei democrata o uso de tal privilégio? — «L'Avenir» tomou posição extrema, condenando radicalmente e sem considerar o pensamento de Roma todo o princípio defensório das Concordatas.

Guéranger, a quem a revolução obrigara a sair de Paris para voltar à sua diocese de Mans, recolheu-se ao estudo profundo dos aspectos históricos da questão. Surge em campo aberto, enfim, com o tratado «*De l' Élection et de la Nomination des Évêques*», primeira obra a impô-lo à intelectualidade francesa. A posição tomada contradiz a de Lamennais. Baseado em sólidos argumentos históricos, defende o princípio das alianças concordatárias, apenas condenando a legitimidade da nomeação feita por Luís-Filipe dado o perigo em que a Igreja incorria e o lhe parecer caduca, na ordem jurídica, a Concordata de 17 (opinião aliás contradita por Gregório XVI ao aprovar as bulas de eleição dos bispos que o rei nomeara).

Entretanto, de novo na paz da Chouannerie, Guéranger dava os primeiros passos para a admirável obra a que Deus o destinava.

*
* *

Solesmes não fora esquecido pelo antigo garoto a quem, de brincadeira, chamavam o «monge». Quantas vezes, ao apreciar nos seus estudos a acção gigantesca dos beneditinos medievais, ele reconstituia as arcadas claustrais, as celas austeras, o templo penumbroso do mosteiro esquecido! Nos anos teológicos do Seminário, entretivera longas conversas com um professor que fora educado por beneditinos. Agora, Solesmes surgia-lhe como destino concreto da sua vida. Tinha ideia de restaurá-lo e recolher-se ao silêncio das suas pedras. Alguns eclesiásticos o aplaudiram e juntaram-se no mesmo desejo. Para mais, os proprietários de Solesmes puseram o mosteiro em venda. O jovem padre correu a França a angariar esmolas.

Entrementes, o partido lamennaisiano caminhava para a sua condenação, desrespeitando mais e mais a doutrina de Roma. É publicada por Gregório XVI a bula «Mirari vos» contra o indiferentismo; Lamennais acata provisòriamente a doutrina papal para logo se rebelar com a publicação de « Paroles d'un Croyant ». « L'Avenir » e a escola de Lamennais desaparecem com a publicação da encíclica «Singulari vos» (15 de Agosto de 1832). Guéranger, que ainda não manifestara formal repúdio das doutrinas lamennaisianas, faz a sua retratação pública que foi, simplesmente, a reafirmação da sua fidelidade a Roma.

Solesmes foi adquirido, mas o padre Guéranger só encontrou oposição à sua ideia de restaurar a Ordem beneditina em França. O Prelado retraía-se de consentir uma Congregação isenta dos poderes episcopais; o clero, eivado de galicanismo, atacava quanto podia esse defensor da soberania papal; os próprios espíritos rectos não esqueciam os laços havidos entre Guéranger e Lamennais...

Tais lutas demoraram os tempos de experiência antes da erecção canónica do Mosteiro e continuaram depois por mais de quinze anos, acrescentadas pela desconfiança e oposição governamental, pelas más condições económicas do convento e, até, pela rebeldia de alguns membros da comunidade.

Guéranger luta, negoceia, suplica. Na Páscoa de 1837 está em Roma a tentar a aprovação pontifícia do Mosteiro. As facilidades que Luís Filipe já ia concedendo à Igreja ocasionaram desconforme afluência a Roma de pedidos de aprovação para novas Regras e Congregações. — « Que fartura de fundadores e fundadoras ! » — comentava o Cardeal Prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares.

Guéranger vence as oposições surgidas com o apoio de Chateaubriand (que numa carta ao jovem padre se dizia românticamente «beneditino honorário»), de Montalembert, de Lacordaire, da princesa Borghèse. O próprio Gregório XVI aplaude o propósito de Guéranger, fazendo apressar as exigências burocráticas da Congregação Geral e permitindo que se vencesse o obstáculo de reconhecer como Abadia um mosteiro único em toda a França e recém aparecido. — « Pois se a Casa de Solesmes — disse então o Padre Rozaven, Geral dos Jesuítas e protector de Guéranger — será a fonte e a mãe das outras Casas de Congregação, é naturalíssimo reconhecer-lhe a autoridade desde a primeira hora».

E, assim, a 1 de Setembro de 1837, a Ordem beneditina era canònicamente restaurada em França com o nome de «Gongregatio Gallica». Prosper Guéranger, aos trinta e dois anos, era feito abade « in perpetuum» e retomava em suas mãos a tradição legada por S. Mauro em Glanfeuil, S. Hugo em Cluni, S. Bernardo em Claraval.

* * *

Em 1841 saiu o primeiro dos três volumes da obra «*Institutions Liturgiques*». D. Guéranger entrava em plena luta pela restauração da Liturgia Romana quase desconhecida nas dioceses de França. As reformas do Concílio de Trento e de S. PioV tinham ficado submersas na enxurrada de missais e breviários compilados a belprazer pelo clero jansenista e disseminados por todas as dioceses e conventos do país.

— « Que é dessa unidade de culto que Pepino e Carlos Magno, de concerto com os Pontífices Romanos, estabeleceram em nossas igrejas; que os nossos bispos e concílios do século XVI novamente promulgaram com tanto zelo e sucesso?... Dez breviários e dez missais dividem as nossas igrejas, e o mais antigo desses livros ainda não existia ao começar o Séc. XVIII» (Prefácio às «Institutions Liturgiques»).

Com o seu estilo de escritor modelar, a ironia dos seus reparos, a clareza dos seus argumentos, a indignação ao condenar, a viveza ao mostrar a verdade, D. Guéranger acordava entre os bispos e padres uma reacção que foi de borborinho, de surpresa, de perplexidade. Raros vieram apoiá-lo; muitos se ofenderam ao verem ridicularizadas as preciosidades fantasiosas e heteredoxas das liturgias jansenistas das suas sés e claustros. Dos raros, foi o primeiro o arcebispo de Reims, futuro Cardeal Gousset, que imediatamente consultou D. Guéranger para uma restauração litúrgica na sua diocese. Dos muitos, o principal foi o Cardeal d'Astros, arcebispo de Toulouse, célebre e venerado defensor da Igreja nos tempos de Napoleão que lhe fez sofrer as penas do encarceramento. O arcebispo de Paris, Affre, excede-se ao interditar o priorado que D. Guéranger estabelecera em Paris. Sessenta bispos apoiam a pastoral de refutação que o Cardeal d'Astros publicou contra o Abade de Solesmes. Acusam-no de ter inventado o novo crime de heresia antilitúrgica.

O Papa, no entanto, apoia D. Guéranger, ainda que não queira indispor o episcopado francês. A Santa Sé vê-se obrigada a publicar dois

breves a reprovar o acto de interdição de Affre e as interferências do bispo de Mans em Solesmes. Quanto à controvérsia litúrgica, é dado o conselho de amainar a celeuma, mas evita-se uma intervenção peremptória. O Abade não cedeu à réplica do arcebispo de Toulouse. Retorquiu-lhe digna mas irrespondìvelmente. A defesa da sua obra, mais tarde compilada num quarto volume das «Institutions», constitui um dos mais admiráveis escritos de sempre sobre a Liturgia. Para quem a soube ler, ela foi um abrir de horizontes, um revelar de verdades adormecidas. Tal a reacção que a opinião geral, até aí adversa, pouco a pouco se colocou a favor de Solesmes. Dez anos depois, ao publicar o 3.º vol. das «Institutions Liturgiques», D. Guéranger já podia escrever com alegria: — «Deu-se, de todas as partes, o feliz retorno à unidade romana do serviço divino».

A acompanhar a publicação deste Tratado litúrgico, foram saindo os primeiros volumes de «L'Année liturgique» que, até ao nono, serão da pena de D. Guéranger. É dado a conhecer à Igreja o tesoiro de espiritualidade que Ela possuia sob o pó das bibliotecas e dos conventos abandonados. As preces e cânticos maravilhosos da Liturgia medieval são mostrados ao público pelos comentários cheios de beleza espiritual onde D. Guéranger se manifesta um dos poucos escritores místicos que o Séc. XIX não conseguiu calar com a balbúrdia das suas polémicas e mentiras.

O Abade de Solesmes dera o escândalo dos que ouvem a verdade no segredo da noite para a revelarem à luz do dia, dos lugares altos da nobreza e santidade de espírito.

*
* *

Na introdução à «Vida de Santa Cecília», D. Guéranger fala da serenidade que devem ter os cristãos perante as revoluções do mundo. O Abade admirável dava o exemplo do que pregava. Do silêncio do seu claustro, assistia à confusão ideológica que de ano para ano tomava cores diferentes. Com serenidade, apontava o caminho; com vigor, a verdade. A vida contemplativa estava na base de toda a sua vida activa, pois bem reconhecia que sem aquela, esta era vazia e estéril.

Encontramo-lo ao lado de Veuillot nos primeiros tempos de «L'Univers»; sofre a perda de isenção para a «Congregatio Gallica» e do seu

direito de Abade «in perpetuum», que os seus adversários alcançam, enfim, de Gregório XVI, para depois receber os maiores elogios da boca de Pio IX; (1) ataca veementemente o naturalismo histórico, na altura em que Alberto de Boglie publica «L'Église et l'empire romain au IV.eme siècle», com outro formidável livro, «*Essais sur le Naturalisme contemporain*»; escreve em 1851 o livro «*Mémorial sur l'Immaculée Conception de la Sainte Vierge*» que muito ajudou a esclarecer a questão e a apressar a definição dogmática do Mistério; e, quando se levantou a questão da infalibilidade pontifícia, foi o seu mais acérrimo defensor em França, publicando «*De la Monarchie Pontifical*» (1870) e respondendo a todas as oposições surgidas fosse contra a verdade dogmática, fosse contra a oportunidade da sua definição. A sua ausência do Concílio do Vaticano só foi explicável pelo débil estado de saúde em que na altura se encontrava.

*
* *

A 30 de Janeiro de 1875, falecia D. Guéranger vítima duma pneumonia que o atingiu poucos dias antes, quando dava catequese a uma criança da primeira comunhão.

De que a sua obra não morreu somos nós testemunhas. Solesmes tornou-se o centro da reforma litúrgica. Ao nome de Guéranger acrescentaram-se os de D. Pitra, D. Fromage, D. Delatte, D. Gardereau, e tantos na história de 117 anos da Abadia de Solesmes.

A França do século XIX viu sair da penumbra dum claustro a luz para muitos dos problemas que a atormentaram. De novo, a Ordem beneditina floresceu nela como nos tempos da Idade Média.

FERNANDO MELRO

---

(1) Pio IX, enquanto não restituiu a D. Guéranger os direitos de isenção que Gregório XVI lhe subtraíra, quis tê-lo a seu lado e nomeou-o consultor das Congregações do Index e dos Ritos.

Caminhos de Albert Camus (1)

Vimos como Albert Camus, partindo duma experiência que prometia tudo menos vir a servir de alicerce a valores metafísicos, foi levado a afirmar a existência da natureza humana, e a defender afincadamente, apaixonadamente, a sua dignidade e inviolabilidade.

«Há no homem mais coisas dignas de admiração que coisas dignas de desprêzo», e portanto qualquer acção que redunde em sofrimento para o ser humano é contrária ao movimento de revolta, mantido pela visão absurda da existência, que precisamos de nunca esquecer ou abandonar. Porque Camus quer convencer-nos que é a lógica que comanda a sua evolução, por contraditórios e inconciliáveis que pareçam os termos: *absurdo* e *simpatia, revolta* e *não violência, blasfêmia* e *redenção*...

Tentaremos agora fazer um juízo imparcial da doutrina de Camus, procurando ao mesmo tempo pôr em realce a dimensão cristã de algumas afirmações e de algumas experiências.

Comecemos pelo *absurdo*. É possível encontrar nessa experiência, levada longe de mais, algo que traduz certa sensibilidade contemporânea perante o espectáculo do mal e do sofrimento que pode atingir também o cristão. Efectivamente também este estremece frente ao mistério da dor planetária e do aparente reinado do mal.

Devemos rejeitar tudo o que há de erròneamente preconcebido no pensamento de Camus, mas impõe-se-nos afirmar a autenticidade da sua crise enquanto ela é comum a todos os que sentem na sua carne o «silêncio de Deus» — essa acabruhante atmosfera de calamidade que pesa sobre o nosso mundo

O racionalismo de Camus faz com que imediata e sòmente admita como verdades as evidências primeiras. *O mundo aparece-nos como absurdo... Logo de facto é absurdo* — conclui sem se preocupar com

---

(1) Continuação do número anterior.

exame mais atento. Manifesta desprezo incompreensível pela verdade objectiva. Ainda quando põe como hipótese que, contràriamente às primeiras impressões, a vida tenha algum sentido logo acrescenta: *É muito mais nobre viver como se a vida não tivesse finalidade do que procurar-lhe uma...* (1)

O ateismo de Albert Camus também constitui um dos seus mais arreigados preconceitos. O mal e o sofrimento parecem contradizer a possibilidade da existência de Deus. Não poderá haver todavia terreno de conciliação? Porque não estabelecr um exame objectivo que rectifique os movimentos irrazoáveis da sensibilidade? Falta-lhe a serenidade suficiente para encarar as coisas por este prisma.

A despeito de tais erros deve afirma-se que a experiência de Camus tem um autêntico alcance humano. No sofrimento e no mal, mesmo para o cristão, permanece uma zona de obscuridade, certa região de mistério que contìnuamente desafia a firmeza da nossa fé e da nossa esperança. Qual de nós não se surpreendeu já a perguntar: «Como se explica à face da Bondade e da Justiça Divinas o sofrimento de tantos milhares de seres humanos sem distinção de culpados ou inocentes»?

Também, como a Camus, nos tortura o sofrimento das crianças: *esse mal que há-de durar até que o mundo for mundo...* No entanto podemos logo colocar-nos na perspectativa verdadeira, rectificar os nossos juízos, educar, à luz da fé, a nossa sensibilidade.

Felizmente que entre os escritores contemporâneos podemos encontrar alguns cristãos que dão, através das suas obras, riquíssimo testemunho da forma cristã de encarar o sofrimento e os cataclismos.

Vivemos num mundo torturado, em que tudo ameaça desmoronar-se ao embate das forças do mal. O homem é espezinhado. Cristo já não diz nada às gerações de hoje. A Igreja sangra nos seus membros. Os cristãos, oprimidos até pelo espectáculo da sua própria mediocridade, sentem-se tentados a desanimar. O desespero é a tentação mais perigosa e mais frequente na hora em que vivemos. No entanto «tudo é graça»..., como cicia ao morrer o *Curé de campagne* de Bernanos.

Dores... catástrofes... guerras... crimes... O cristão consciente, o

---

(1) É o sentido do passo de *Le Mythe de Sisyphe,* pág. 76.

que não se deixa embalar na onda dum optimismo insultuoso, aceita a trágica veemência dessas palavras, reconhece toda a sua crua realidade, mas replica: quanto maior é o sofrimento, quanto mais planetária for a dor, mais viva e intensa é a presença de Cristo no mundo. Cristo sofreu. Também era natural a tentação do desânimo para quem estivesse no Calvário na tarde de Sexta-Feira Santa. Mas foi precisa a Cruz para vir a Ressurreição. Desde Cristo toda a dor contém esperanças de redenção. Tudo é graça. E quantos serão por aí os que sem o saberem acabam na sua carne o que falta à Paixão de Cristo...

«Neste mundo probrezinho a dor é o nosso Deus» — diz Bernanos. É esta a resposta cristã ao absurdo de Camus. Não o negamos, superamo-lo, transcendêmo-lo. Claudel explica:

> «Deus não veio suprimir o sofrimento, nem mesmo veio explicá-lo; veio sim penetrá-lo e enchê-lo da sua presença».

Além disso o cristãos sabe que não pode considerar-se inteiramente inocente dos males que assolam a humanidade. Ainda quando nada externamente o implique nele, conhece a invisível e misteriosa solidariedade que o une a todos os homens, no bem como no mal: *Os nossos pecados ocultos empestam a atmosfera* — diz ainda o *Curé de Campagne* de Bernanos.

Se bem que o cristão encontre finalmente uma luz a orientá-lo nas trevas, o desânimo inicial não deixou de ser proveitoso. Marcel afirma-o nestas palavras:

> «É pelas brechas que em nós abre o desespêro que o espírito de humildade, que o espírito de caridade também, podem penetrar para nos renovar no mais profundo de nós mesmos». (1)

A propósito do que se pode encontrar de contendo cristão na palavra *revolta,* Étienne Borne faz este excelente comentário:

---

(1) *Les valeurs spirituelles dans le théatre français contemporain.* Orientations (Belgique), p. 795.

«Imaginemos um homem completamente satisfeito com a ordem do mundo, encantado, em paz, enfeitiçado pela harmonia que se libertasse do universo e da história visíveis; a sua religião seria uma religião pagã, um saber que aderia com entusiasmo às aparências sensíveis e que seria talvez e negação da religião no sentido profundo da palavra... Talvez uma certa «*revolta*», com todos os riscos que comporta pudesse desempenhar o papel de educador da consciência religiosa». (1)

Esperar não é abandonar a luta ...

Finalmente podemos afirmar que não há ponto em que Camus seja mais injusto na apreciação do cristianismo que quando fala da inacção e do comodismo que ele favorece. Podemos de certo modo encontrar atenuante para as suas críticas no facto de ignorar por completo a verdadeira fisionomia da nossa religião. A fé exige investigação. Sempre se negou a fazê-la. Declara na sua conferência aos cristãos: «Não parto do princípio que a verdade cristã é ilusória, simplesmente nunca procurei entrar nela»...

Não passam de simples caricaturas os retratos cristãos que apresenta. Não conhecerá dos verdadeiros e rejeitará a vida eterna de que falam, com a mesma veemência com que abomina o conformismo em que os vê mergulhados.

Haverá ainda outra razão. O cristianismo resiste sempre a uma análise feita do exterior. Só se revela a quem penetra nele, a quem tenta uma experiência. Há mesmo qualquer coisa de muito discreto e silencioso na verdadeira actuação dos cristãos. O cristianismo alastra e influencia à maneira de fermento: a sua acção é irresistível mas despercebida. A vida cristã é antes de tudo a vida subrenatural que escapa à experiência. Quanto á influência temporal, também é discreta e lenta, embora a mais eficaz. Será esta uma das razões porque a Igreja há-de ser sempre um livro fechado para muita gente frívola, para o nosso mundo superficial.

Por isso Camus não conhece o dinamismo autêntico da caridade.

---

(1) *Psychologie moderne et réflexion chrétiene*, Art. Fayard. pág. 231.

Não sabe que ela é presença ao mundo, doação até à loucura, até ao martírio. O céu é a nossa pátria, mas a vida que o há-de merecer começa na terra. Os interesses da alma sobrepujam todos os outros, mas é precisamente em atenção a eles que os cristãos tratam dos corpos. «Em terras sub-alimentadas não há sábios nem santos» (1) — diz Léclercq.

Os cristãos autênticos não se resignam. O que os diferencia dos *santos* de hoje será uma permanente serenidade baseada na esperança de que um dia a justiça integral será realizada e que, uma vez que Cristo anda sempre mais próximo dos que sofrem, a dor pode ser sempre o mais poderoso instrumento de salvação.

A despeito de tudo o resto devemos alegrar-nos por reconhecer na recusa de Camus em ser cúmplice do que redunde em sofrimento para o próximo, uma manifestação, embora incompleta e desviada, da onda de caridade, fruto espontâneo da nossa época conturbada. Do neo-realismo do cinema italiano, produto bem característico dos nossos dias, se diz que é a «arte específica de caridade»...

O cristianismo reivindica a posse dessas pérolas perdidas, dessas verdades que enlouqueceram mas que trazem ainda na fronte o sinal inconfundível da sua origem. Ser cristão é perder a alma pelo próximo. Onde há amor há sementes de cristianismo. Neste ponto Camus é ardoroso demais para que possamos, de ânimo leve, pôr em dúvida a autenticidade da sua inquietação. Ela aparece-nos como um exigência vital, tanto mais para apreciar quanto é certo que difìcilmente se concilia com as premissas do seu pensamento. Como justificar tanto respeito pelo homem se persistimos em considerá-lo personagem de uma «aventura inútil»? Não há dúvida que as exigências da *simpatia* não cabem nos quadros da *revolta* e do *absurdo*.

É patente a evasiva na defesa dos valores relativos que forma a trama de *L'homme révolté,* esse livro em que todos estranharam a desproporção entre a parte negativa, longa e exaustiva, e a parte de construção, breve e em tom receoso.

Depois de mostrar a sua repulsa pelos sistemas que legitimam o crime, Camus como que se vê em embaraços para, no processo intelectual,

---

(1) *Diálogo de Deus e do homem,* Col. Éfoso, p. 131.

os condenar à face do ponto de partida, idêntico ao dos adversários.

Sartre não lhe poupa os seus sarcasmos que, se põem a claro os pontos fracos da lógica de Camus, por outro lado revelam o abismo que separa estes dois autores. Sartre não teme ligar-se aos comunistas, mesmo que tenha de « sujar as mãos ». Camus « suja as mãos », vê-se obrigado a isso, mas debate-se em crises de escrúpulos.

O movimento que se desenha no quadro contemporâneo em prol do homem, em prol da justiça, só encontra a sua justificação última na doutrina cristã. Daí a insegurança intelectual de todo o pensamento moderno que rejeita a luz de Cristo quando quer estabelecer uma norma de conduta, segundo as exigências óbvias do momento que atravessamos.

Sem Deus não há escrúpulos razoáveis. Sem Deus não se procure lógica senão para a opressão e a violência, aquilo mesmo que algumas almas ricas repudiam com ardor.

Como conclusão: é justo alegrarmo-nos por vivermos numa época que, embora desorientada, encerra tesoiros de generosidade. É esta generosidade que nos dá direito a confiarmos, apesar de tudo na misericórdia de Deus em relação a este universo de trevas, em relação aos numerosos desesperados que se arrastam pelo mundo.

Os autores cristãos ao retratarem personagens que parecem merecer a condenação, insistem em desenhar um tendencioso ponto de interrogação. Assim Francisco Costa com o *Dr. Bandeira Bastos,* (1) Mauriac com o advogado de *Nó de víboras,* Graham Greene com *Scobie.* (2)

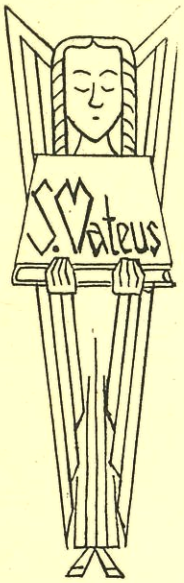
De facto vivemos num mundo paradoxal em que não obstante o espectáculo de desvarios sem número, se põe com mais actualidade do que nunca o problema do verdadeiro número dos membros do Corpo Místico, da salvação fora da economia externa da Igreja.

Respeitando embora o que há de segredo impenetrável nos desígnios de Deus, sempre podemos afirmar que a influência cristã se estende muito para lá das fronteiras visíveis. Deus não abandonou o mundo. Pelo contrário está mais presente do que nunca, porque desde que sangue divino regou a terra onde sofremos e morremos «tudo é graça»...

A. TAVARES

---

(1) *Cárcere Invisível.*
(2) *Le fond du problème.*



Os símbolos dos quatro Evangelistas

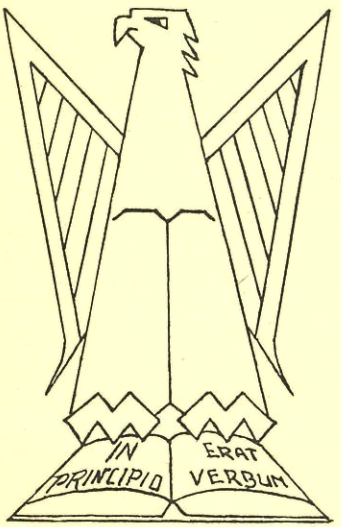
Sempre a Providência divina proporcionou à Igreja os meios adequados para, ao lado da pregação oral, realizar completamente a sua grande missão: a catequese, a instrução dos povos nas verdades eternas. Assim, na nossa época os progressos técnicos e científicos oferecem à difusão do Evangelho a grande arma da imprensa e esses outros poderosos ditadores da opinião pública que são a rádio, o cinema e a televisão. Semelhantemente, está também dentro dessa orientação providencial a utilização dos pórticos e das largas janelas das catedrais medievas para maravilhosas estátuas e imaginosos vitrais — verdadeiros catecismos em imagens para uma época de cultura pouco vulgarizada.



Para a antiguidade cristã é positivamente a s i m b o l o g i a a grande auxiliar da pregação oral. A profusão das estátuas dos deuses pagãos não aconselhava um grande desenvolvimento da escultura sagrada. Utiliza-se por isso « a pintura », de recursos

ainda bastante limitados e o «relevo em gesso». (1) Por estes dois meios desenvolve-se imenso a simbologia. Como já acima se disse, não oferecia ela os perigos de uma representação idolátrica e vinha até ao encontro do exemplo do Mestre divino sintetizado nas palavras de S. Marcos — « E não lhes falava sem parábolas ». (2) São inúmeros os símbolos que se encontram pelas catacumbas, esses cemitérios que, por um paradoxo cristão, constituem o berço da nossa arte. Daqueles símbolos,





uns são inteiramente inéditos, como a âncora (esperança ou salvação), o veado (a alma sedenta de Cristo), o cordeiro (Cristo), o pavão (imortalidade), a pomba (alma cristã). Outros, porém, são recolhidos dentre as representações pagãs, mas baptizados: Orfeu encantando os animais com a sua harpa evoca agora Cristo, cuja doutrina arrasta os corações mais fechados. Inúmeras vezes aparece o pastor conduzindo rebanhos que não é mais Hermes mas o Bom Pastor do Evangelho. Da mesma forma a videira toma um sentido novo e as Estações lembram aos cristãos a ressurreição futura. (3)

---

(1) Salomon Reinach, Apollo — Histoire Générale des Arts Plastiques. Hachete pág. 95.
(2) S. Marcos, IV, 34.
(3) Pierre Marie Auzas. Ecclesia 1951.

Grande número de símbolos cristãos deve a sua origem a uma referência escriturística. Entre os exemplos apontados não é difícil verificar que ao aparecimento do veado não é estranho o segundo versículo do salmo 41 « Quemadmodum desiderat cerva rivos aquarum ». O mesmo se diga das palavras de S. João Baptista « Ecce Agnus Dei » (1) em ordem ao aparecimento do símbolo do Cordeiro.

Esta mesma origem escriturística é hoje universalmente aceite quanto aos símbolos de que nos ocupamos. Efectivamente os símbolos dos quatro evangelistas inspiram-se nas palavras expressivas do Apocalipse: «E em frente do trono havia um como mar de vidro semelhante a cristal; e no meio do trono, e em volta do trono quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um toiro, e o terceiro animal tinha o rosto como um homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando». (2) (Apoc. IV, 6-7)

Se esta passagem é universalmente aceite como inspiradora dos símbolos presentes, o mesmo acordo não se verifica já quanto à sua significação. Assim, uns aí encontram a expressão do estilo peculiar a cada evangelista. É uma opinião pouco seguida. Outros, bem mais numerosos e entre os quais se contam Santo Agostinho (+430) e S. Jerónimo (+420) lançam-se numa interpretação mais subtil. O leão simboliza S. Marcos que no começo do seu Evangelho faz ouvir João Baptista: «Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor». (3) O boi é o evangelista S. Lucas que no seu Evangelho começa por nos relatar a história do sacerdote Zacarias, pai de S. João Baptista. A figura humana é atribuída a S. Mateus que nos dá a genealogia humana de Cristo, no começo do seu Evangelho. A águia é S. João que no voo altíssimo da sua inteligência contempla o Sol magnífico da nossa fé, Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

Este tema muito seduziu os artistas, já por se fundamentar num livro misterioso como sempre foi para os homens o Apocalipse — não esqueçamos que estes procuram sempre no que tem algo de misterioso

---

(1) João I, 29.
(2) Cfr. Esequiel, I, 5-14.
(3) Marcos I, 3.

uma satisfação para a sua sede do Além — já também porque se prestava a uma representação plástica de largos devaneios. Em três campos se desenvolveu sobremaneira: no mosaico de sabor bisantino, na iluminura conventual e na rica escultura medieva.

Foi o arqueólogo Bugati quem nos apresentou o monumento considerado mais antigo. Constituído por dois dípticos de marfim de cinco lâminas cada um, e que o andar dos tempos manteve juntos por servirem de cobertura ao evangeliário do tesoiro da Catedral de Milão, é-lhe atribuída data não anterior ao séc. V. Isto significa que já relativamente tarde foram introduzidos estes símbolos na representação plástica cristã. Não encontramos, pois, nenhum vestígio dos animais místicos nos frescos das catacumbas ou nos relevos dos sarcófagos. O mais antigo monumento datado que possuimos neste domínio é uma estante de madeira que pertenceu a Santa Radegundes de Poitiers, morta em 587.

Estabelecido assim o aparecimento cronológico dos símbolos, debrucemo-nos sobre as suas representações no mosaico. Apenas alguns dos mais belos exemplares: primeiramente o mais célebre de entre todos, o da ábside de Santa Prudenciana (séc. V) em Roma. Citemos ainda o da abóbada do mausoleu de Galla Placídia em Ravena (séc. V) e o da ábside de Santa Sabina em Roma. Nestes e em muitos outros exemplares, a representação é limitada apenas aos símbolos e faz-se dos mais variados modos. Por vezes o leão e o boi não têm asas. Em contrapartida, as quatro personagens simbólicas são frequentemente glorificadas com uma auréola, como por exemplo, no mosaico do arco triunfal de S. Paulo extra-muros (séc. V) em Roma. Entretanto nasce uma nova modalidade de representação: com os símbolos são apresentados juntamente os evangelistas acompanhados de um livro e até de uma escrivaninha como em S. Vital de Ravena (séc. VI).

Verifica-se porém no Império do Oriente uma grave crise a que não foi estranho o domínio do partido iconoclasta (séc. VIII). Facto capital, este, no campo que nos ocupa pois o império das artes estava nas mãos de Bizâncio, que ditava as suas leis para o Ocidente através de Ravena — «essa porta aberta, de Itália para o Oriente». Assim, as formas artísticas que maior influência oriental sofriam — avulta entre elas o mosaico — conhecem um período de declínio. Arrastou-se o mosaico até aos séculos IX e X, sobretudo em Itália, numa repetição sem vida dos temas antigos. A segunda idade de oiro de Bizâncio (sécu-

los IX-XII) já não o fará reerguer pois o Ocidente, sob a chefia dos Papas vai afastar a influência oriental e criar novas formas artísticas.

Porém, já seguramente desde o século VII e possìvelmente ainda antes, se cultivava no Ocidente a iluminura. O seu uso bem como os modelos chegavam-nos do Oriente, sobretudo da Grécia. Não deixam porém de verificar-se, aqui e além, tradições da Palestina e da Síria. No séc IX encontram-se já escolas nìtidamente ocidentais. É na iluminura que vamos encontrar os mais numerosos e variados exemplares dos símbolos dos quatro evangelistas.

No Evangeliário de Lindisfarne, um notável monumento conservado no Museu Britânico, continua-se aquela tradição, já anotada no mosaico, de acompanhar cada Evangelista pelo seu símbolo. O Evangeliário de Lothaire (850) consagra uma página a mostrar Cristo entre os quatro animais, figurando os evangelistas no trabalho, encimado cada um pelo respectivo símbolo. Após o declínio dos séculos IX e X, a iluminura sobe outra vez e no maior apogeu do século XIII, oferece-nos imensos exemplares com verdadeiras obras-primas de imaginação.

Além da iluminura, conheceu também grande êxito na Idade Média a arquitectura sacra. Estamos na época do românico e do gótico. Facilita este, larga representação aos símbolos de que estamos falando. Efectivamente nos tímpanos de muitas catedrais góticas aparece-nos a figura de Cristo, em geral na cena do Juízo final. Rodeiam o Salvador o boi, o leão, o homem e a águia apocalípticos. Assim sucede por exemplo na igreja abacial de Moissac (Tarn-et-Garonne-França) de 1150. (1)

Não deixem de assinalar também que, por vezes, alguns dos símbolos isolados atingiram larga importância como a águia de S. João no mosaico antigo, e modernamente, o leão de S. Marcos, em Veneza.

Pelo enorme desenvolvimento atingido por estes símbolos, podemos entrever o largo valor formativo que épocas anteriores atribuiram a esta parte da obra catequética. Não merecerá a simbologia uma atenção especial nestes nossos tempos de intensa renovação litúrgica?

JOSÉ VIEIRA MARQUES

---

(1) L'Art d'Eglise, N.º 4, 1950 publicou um curioso estudo sobre este tímpano, assinalando a relação de todas as figuras com a figura cntral de Cristo.

Ad Altum

Não temo as intempéries. Mar largo ! Mar largo !
Alma, entra pelas ondas do mar bravejante !
Levanta a espuma de maneira que um sabor amargo
De sal e de marinas me caia nos lábios !

Avante ! Avante !
Galé aventureira, avante pelas ondas fora !

Levas os astrolábios
E levas os quadrantes;
Levas Deus ao leme
E levas Nossa Senhora
Dos Mareantes.

Nada teme
Quem leve
Deus ao leme !

Avante ! Ao mar !

O dia é breve
E em breve a noite desce para atraiçoar.

Galé aventureira, enquanto for de dia
Não receies as ondas da ilusão
Que nada são
Para quem as desafia !

Ao mar ! Ao mar !
Mesmo que os vagalhões te venham a despedaçar,
Galé aventureira,
Hei-de agarrar-me às tuas pranchas flutuantes
E hei-de chegar às costas mais distantes !

Assim Deus o queira
E Nossa Senhora dos Mareantes !

FERNANDO MELRO

APRESENTAMOS...

Nous faisons le bonheur des autres (1)

Yvan Daniel

Também o presente livro foi escrito no intuito de sacudir a letargia e a indiferença egoísta de muitos dos nossos cristãos.

Situando-nos na sucessão monótona dos dias e das horas, deseja o autor fazer-nos encontrar o valor e alcance cristãos de tudo o que compõe a trama, sempre repetida, das ocupações quotidianas.

De entrada os leitores são convidados a fazer eles próprios o *seu* livro... De facto quase só formula interrogações, distribuídas por diversas rubricas que se oferecem como material de reflexão e exame, uma para cada semana do ano útil. É interessantíssimo este processo cronológico, que não esquece as solenidades litúrgicas. Também estas ali têm o relevo merecido.

A verdade é que nessa fiada de perguntas vai um poderoso apelo à consciência e responsabilidade dos cristãos, que são convidados a viver em pleno o fundamental preceito da caridade. O mesmo imperativo que leva o cristão a não perder de vista o seu destino ultra-terreno — *Deus*, que deve amar sobre todas as coisas ,lhe impõe o interesse pelo mundo e pelos que nele vivem.

A apresentação é excelente. O sugestivo das fotografias e legendas expressivas que recheiam o texto enriquece sobremaneira a brochura. O processo já nos é bem conhecido. Pena é que sòmente através de edições francesas...

A. TAVARES

Le ciel c'est les autres (1)

Yvan Daniel e Gilbert Le Mouel

Este livro, composto em parte num retiro efectuado pelos seus autores no Estoril, no verão de 1953, merece os maiores louvores, não só pela bela intenção que animou quem o escreveu, como ainda pela realização magnífica que constitui.

Os autores propõem-se, mediante a apresentação sistematizada de textos do Novo Testamento, mostrar-nos a verdadeira religião de Cristo e o seu aspecto essencial: o amor de Deus e do próximo, unidos num mesmo amor. Os textos, cuja tradução clara e actual me parece excelente para a classe a que são apresentados, são salpicados de notas históricas e interpretativas muito interessantes. Pontos de meditação assim propostos pelos apresentadores, são acompanhados de reflexões actuais sobre o «próximo» e sobre os «bem-aventurados».

Numa época em que tantos procuram roubar aos cristãos — aliás muitas vezes

---

(1) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1954. (Representante em Portugal — Edições JOC, Campo Santana, 43 — LISBOA).

coniventes com este roubo — os valores e as virtudes que Cristo trouxe ao mundo, livros como este são preciosos para acordar as consciências cristãs de uma sonolência a que tantos de nós chamam tranquilidade.

E como os portugueses tão pouco apresentam de original, sobretudo nas fileiras cristãs, pergunto por quem queira traduzir este magnífico livro.

M. A. P. C.

O primeiro amor do mundo (1)

Mons. Fulton J. Sheen

Já várias vezes tivemos o prazer de focar a extraordinária figura e a prodigiosa acção do Bispo Auxiliar de Nova Iorque — Mons. Fulton John Sheen. Uma vez mais o apresentamos aos nossos leitores dando conhecimento duma obra sua, recentemente vertida para português pela Editora Educação Nacional — Porto, e intitulada « *O primeiro amor do mundo* ».

Ao longo de todo este livro, o Bispo Sheen abre-nos o coração e deixa transparecer em cada página, o seu ardente amor a Maria.

Em rigor, não poderemos dizer que apareceu mais uma obra de F. Sheen sobre a Virgem Maria; este é decerto o seu livro Mariano, por excelência.

O A. foca em capítulos diversos o papel importante para o mundo, de alguns mistérios da vida de Maria. Fala da sua Virgindade, do seu Casamento — «o mais feliz dos casamentos», do seu Amor, das suas Dores e da sua Realeza. A propósito do «Magnificat» — «o hino da mãe, que, em seu seio, leva um filho, que d e s d e o primeiro instante é o ETERNO», diz que é « o documento mais revolucionário que se tem escrito, mil vezes mais revolucionário do que o escrito por Carlos Marx ».

A todos os títulos, a presente obra é recomendável a todo o cristão devoto de Maria.

Além do maravilhoso conteúdo dos capítulos do livro, apraz-nos ainda relevar a óptima apresentação gráfica e a sua esmerada tradução. Bem haja a Editora pela iniciativa louvável de pôr ao alcance do público da Terra de Santa Maria e num Ano que lhe é inteiramente consagrado, uma obra que tão belamente exalta o Amor da Virgem Nossa Mãe.

J. POÇAS RIBEIRO

Le Père Cruz (2)

P. J. M. Gossellin, S. J.

Constitui, naturalmente, p a r a nós portugueses, um motivo de justa alegria a publicação em francês desta vida do nosso querido P.e Cruz, cujo odor de santidade, pelo que vemos, transpôs já os Pirinéus.

A brochura é um trabalho modesto que se preocupa com apresentar aos leitores a figura do P.e Cruz na ampla generosidade do seu coração sacerdotal e as maravilhas da Graça que nele operou o Espírito Santo.

O autor é, além de tudo, muito deferente nas suas alusões a Portugal, teatro do labor apostólico do « Vicente de Paulo do século XX» como se sub-intitula a obra.

Fazemos votos para que este livro seja o incentivo duma série deles a publicar em França e nos outros países estrangeiros, para maior glória de Deus, maior exaltação da virtuosa figura do Dr. Cruz, exemplo para todos os cristãos e dum modo especial para os sacerdotes, e enfim para activação do seu processo de Beatificação presentemente em curso.

A. FERREIRA

---

(1) Editora Educação Nacional, Porto, 1954.
(2) Apostolat de la Prière, Toulouse, 1954.

SEMANA DE ESTUDOS PAROQUIAIS

De 13 a 17 de Setembro realizou-se, em Aveiro, a III Semana de Estudos Paroquiais. Tal como ancontecera já no ano anterior, a nota saliente desta semana foi, sem dúvida, a presença conjunta de sacerdotes e leigos, irmanados no mesmo ideal e conscientes das responsabilidades, que a ambos pertencem, no alargamento do reino de Deus. E se foi grande o número de sacerdotes inscritos, entre os quais havia alguns de outras dioceses, não foi menor o número dos leigos — eram algumas dezenas. Eles souberam, assim, corresponder à voz paternal dos seus Pastores, e nós, os padres, mais uma vez, tivemos ocasião de ouvir o que eles pensam e exigem de nós.

A Diocese de Aveiro honra-se de caminhar na vanguarda deste movimento de renovação litúrgico-pastoral. Em boa hora se acordou para esta empresa bendita, que tem geitos de cruzada. Na verdade, podemos afirmar que, do Algarve ao Minho, em todas as dioceses, esta renovação é um desejo ardente dos nossos Prelados. Provam-no as várias Semanas de Estudos Paroquiais já realizadas, a última no Porto, de 20 a 24 de Setembro.

Em Aveiro, os estudos giraram à volta de um tema de extraordinária importância — a Santa Missa. «Tiveram como objectivo conseguir a participação consciente dos fiéis no Santo Sacrifício, reavivar nos sacerdotes o sentido perfeito da vida litúrgica e preparar os leigos para colaborarem, com a Igreja, na Sua missão apostólica». Sob o ponto de vista prático, despertaram grande interesse os trabalhos realizados sobre a participação activa dos fiéis na Missa, bem como as comunicações sobre a celebração do Santo Sacrifício «coram populo», sobre a liturgia estacional da Quaresma e sobre os grupos corais. Foi reconhecida, também, a necessidade e o máximo rendimento do trabalho realizado em conjunto pelos vários sacerdotes duma mesma região ou arciprestado.

Outra nota, fresca e aliciente, desta Semana, foi a alta presença de Mons. Pereira dos Reis, um mestre no campo da teoria como no da prática.

No Porto foi versado um tema não menos importante e actual — a Paróquia, comunidade de vida cristã. No conceito cristão «a paróquia é uma família, a família de Deus, onde todos se amam em obras e em verdade». «A força duma comunidade não está no grande número dos seus membros; está sim no espírito de união, de compreensão e de colaboração que os anima». Por isso «o pároco, na medida em que a for conhecendo, esforçar-se-à por que se realize a unidade dos cristãos, transformando-a numa verdadeira família de Deus onde todos se amem...».

Os trabalhos apresentados sobre a vida litúrgica e catequística da Comunidade Paroquial foram seguidos com enorme interesse e vivo entusiasmo.

Está em progresso, portanto, este movimento de renovação litúrgico-pastoral em Portugal. Importa, agora, saber continuá-lo; o facho está aceso; que ele se não apague, antes se incendeie mais e vá alumiando cada vez mais forte e sempre mais ao longe. Já «não podemos voltar para trás a não ser à custa de uma traição».

S. Rendeiro

VOTOS DA SEMANA DE AVEIRO

Considerando que a Missa, — Sacramento Eucarístico, no seu triplice aspecto de Sacrifício, Sacramento e Presença Real, — é a representação do Mistério total de Cristo, Glorificador do Pai e Redentor dos homens;

Considerando que, todos os fiéis, incorporados e unidos em Cristo, por Ele, com Ele e nEle, dão a Deus Pai, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória;

Considerando que, para os Cristãos a plena consciência da sua participação na Missa implica uma vida que seja testemunho integral de Cristo, quer dizer, vivida em conformidade perfeita com as exigências da Sua caridade;

O Clero Diocesano de Aveiro, em sua III Semana de Estudos Paroquiais, realizada no Seminário de Santa Joana Princesa, de 13 a 17 de

Setembro de 1954, em colaboração com leigos de diversas actividades e profissões, sob a presidência veneranda do seu Ex.mo Prelado, sob a esclarecida orientação do Ex.mo Bispo Auxiliar e com a alta presença de Mons. Pereira dos Reis, adoptou as seguintes conclusões:

1.ª — Tomem os Sacerdotes, na oração, no estudo e na cooperação, uma consciência cada vez mais viva do Mistério de Cristo na Missa, mormente de que fazem as vezes de Cristo, a Ele unidos, com todo o Seu Corpo Místico na oblação e comunhão eucarística, e empreguem todo o seu esforço e zêlo em comunicar aos fiéis a consciência vivificante de que também eles participam na Santa Missa;

2.º — Sejam as crianças iniciadas, desde a mais tenra idade, no Mistério da Santa Missa, e seja intensificada essa iniciação, particularmente, durante os anos de Catequese, com a colaboração das famílas e de leigos esclarecidos e de boa vontade;

3.º — Esforcem-se os leigos por chegarem à compreensão prática da identidade profunda entre a vida cristã e a vida eucarística, e de que uma paróquia só será autênticamente cristã, quando a Missa se tornar bem compreendida e sacramentalmente participada.



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais Lâmpadas Suspensões

Banheiras - Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — CENTRAL — CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

VENTILAÇÃO

—— TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO ——

A BOA CONSTRUTORA

FÁBRICA NACIONAL DE RELÓGIOS MONUMENTAIS

MARCA REGISTADA — COUSINHA-O MELHOR RELÓGIO — ALMADA-PORTUGAL

MANUEL FRANCISCO COUSINHA & FILHOS

Telefone: Almada 165 — Telegramas: FABRIRELÓGIOS — Almada

R. Capitão Leitão, 179-183 — Almada — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiada com medalha de ouro nas exposições a que tem concorrido

VELAS DE CARDIGOS

J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS

Telefone 5 — B. Baixa — CARDIGOS

A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das VELAS DE CARDIGOS

Premiada em 7 Exposições, 4 Estrangeiras e 3 Nacionais

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

OCULISTA DAS PORTAS DE S.to ANTÃO

OFICINA PRÓPRIA — MÁXIMOS DESCONTOS — ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA — APARELHOS CONTRA A SURDEZ

(Demonstrações no Domicilio sem compromisso de compra)

Consulte-nos para descontos especiais: em lentes de 1.ª qualidade, fabrico alemão, marca «Aktien Gesellshaft», para óculos contra sol com lentes de cor, graduadas

BIFOCAIS

O OCULISTA DE SANTO ANTÃO recomenda, a todos que necessitem de lentes para ver longe e perto, o uso de bifocais, em que é especializado, lentes estas que alcançaram já no estrangeiro um enorme êxito, e que são fonte de incalculáveis benefícios

Ao Rev.mo clero, sacerdotes, seminaristas e membros dos organismos católicos, concedemos além do desconto normal de 30%, um desconto especial. O OCULISTA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO deve ser consultado em último lugar para confronto de preços e qualidade

Rua Eugénio dos Santos, 9-2.º

(ao Rossio)

Telefone 2.3797 LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA

ALA ESQUERDA LIMITADA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

TELEFONE 268 - BEJA - Apartado 25

(OFICINAS GRAFICAS DA DIOCESE)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

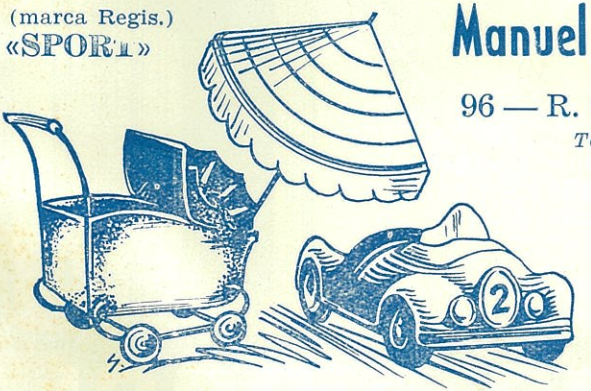
S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

(marca Regis.)

«SPORT»



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98

Telefone 51676

PORTO

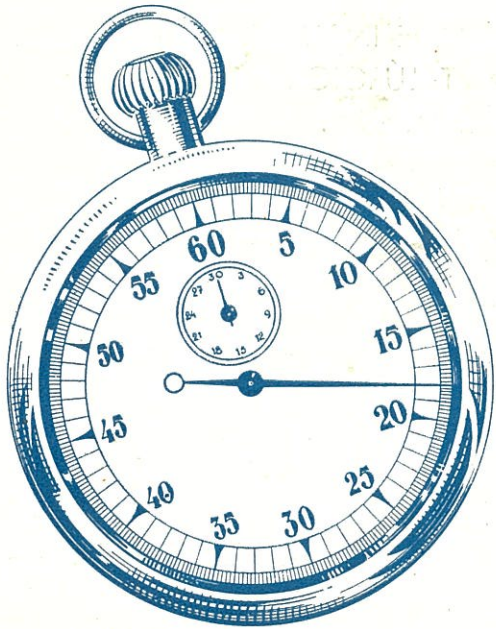
Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «SPORT»

Especialidade em toldos, guarda-sois ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL